

O prazer de ler* 7

Ana Cristina Canosa Gonçalves**

Resumo

Este texto é um resumo do capítulo IX *Nas entrelinhas do linho literário – a sexualidade no ato de ler* escrito por mim a convite do autor Jonas Ribeiro¹, que o inseriu em seu livro *Colcha de leituras... unindo amores alinhavando leitores...*, lançado pela Editora Elementar em 2002. O livro trata da importância da leitura e de assuntos ligados ao tema, até de forma bem subjetiva como é o caso do capítulo que elaborei, além de abordar propostas educativas e pedagógicas que vão contra as idéias antigas das fichas de leitura utilizadas pelos professores. Na verdade a obra é quase uma declaração de amor ao livro e ao seu conteúdo, aos seus atores e leitores. Assim sendo, o presente texto tem uma característica literária mais poética, embora faça

* Resumo do capítulo IX: *Nas entrelinhas do linho literário – a sexualidade no ato de ler* (Canosa, 2002 in Jonas Ribeiro, *Colcha de Leituras... unindo amores alinhavando leitores*. São Paulo: Editora Elementar, 2002).

** Psicóloga. Pós-graduada em educação e terapia sexual pela SBRASH e FMABC. Delegada Regional da SBRASH em São Paulo. Professora do curso de pós-graduação em educação e terapia sexual da SBRASH/FMABC.

e-mail: acanosa@uol.com.br

Recebido em 05.06.02

Aprovado em 28.06.02

da leitura psicanalítica sobre o conceito da libido, a espinha dorsal para entender como a energia sexual pode derivar-se para outros focos de satisfação, como no caso do prazer de ler. O texto será reproduzido quase na íntegra, sendo alterado alguns trechos que talvez estejam pessoalizados demais para o contexto desta Revista científica.

Envolvida sempre com as teorias psicanalíticas referentes à energia sexual e a sua influência na construção de nossa identidade, refleti por vários caminhos tentando estabelecer um paralelo entre o prazer da leitura e o prazer sexual. A única certeza que eu tinha era que ler é um prazer, com uma tonalidade sexual, talvez não genital, mas movido pela libido. Portanto, pressupondo que em primeira instância, o prazer da leitura é sim, derivação da libido (energia sexual) que, impedida de satisfação nos próprios genitais no início da vida, foi também investida no processo criativo da leitura, resolvi encarar o desafio expressando essa concepção abdicando de um pensamento estritamente racional e técnico para escrever com emoção.

A palavra *prazer* significa alegria, deleite, gozo e ao usarmos estas expressões logo pensamos na sexualidade, por ser inata, presente e importante na vida humana. Quando a criança está se desenvolvendo, sua energia sexual, que ainda não consegue encontrar satisfação no ato sexual pela imaturidade emocional e física características da idade, impulsiona a criança a descobrir no mundo outros prazeres. O esporte, as relações de amizade, as artes, a matemática, a música, as brincadeiras, a escola; a energia sexual está ali, solta e pronta para transformar-se em prazer de conversar, de descobrir, de tocar um instrumento, de fazer um porta-retratos com pregadores de roupa. O mundo oferece à criança uma infinidade de sensações e instiga o desejo de saber! A leitura (o ato de escrever, o estudo, o pensamento) é certamente um dos instrumentos para a busca e satisfação do prazer – resta saber como ela é apresentada a criança! É como o sexo: se reprimido, taxado como feio e sujo, o prazer ficará embotado; se incentivado, associado ao positivo, ao belo e ao delicioso, tornar-se-á um prazer buscado por toda a vida! É a transformação da primeira recordação satisfatória em **Desejo!**

Desde o momento que entramos em uma biblioteca ou livraria para escolher um livro, nosso corpo está se preparando para receber uma infinidade de estímulos que vão ativar nossos órgãos do sentido e fazer nossa memória sensorial inundar o organismo de uma sensação de bem-estar.

Lembro-me quando entrei na livraria Lello, na cidade do Porto em Portugal. A visão magnífica das grandes estantes de madeira de lei que sustentavam obras variadas e emolduravam as paredes da casa, inundou de satisfação todo o meu ser. A escada de madeira em forma de caracol, estrategicamente colocada ao centro da casa, girava grandiosa convidando ao andar de cima.

Lustres harmoniosos. Livros por todos os lados.

Eu encontrava o amor ali, entre “As nossas pequenas superfícies” de Vasco Prazeres² e toda a coleção da “gastronomia portuguesa”, esperando

que Fernando Pessoa não se incomodasse com o deleite que certamente transpassaria as estantes da livraria, pela leitura de um poema de Florbela Espanca:

*Se tu viesses ver-me hoje à tardinha, a essa hora dos mágicos
cansaços,
Quando a noite de manso se avizinha, e me prendesses toda nos
teus braços...
Quando me lembra: esse sabor que tinha. A tua boca... o eco dos
teus passos...
O teu riso de fonte... os teus abraços... os teus beijos... a tua mão
na minha...
Se tu viesses quando, linda e louca, traça as linhas dulcíssimas
dum beijo
E é de seda vermelha e canta e ri
E é como um cravo ao sol a minha boca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...*

Se tu viesses ver-me... Florbela Espanca³

Certamente o estilo desta livraria me atrai; é um patrimônio mundial, cuja beleza arquitetônica e despojamento quase caótico dos volumes me agradaram imensamente.

Até hoje, quando vou a uma livraria penso naquela de Antero Braga, o administrador simpático daquela jóia. Se por acaso entro em algum lugar que tenha estantes parecidas, logo minha memória põe-se a recordar o momento em que penetrei naquele espaço e uma grande satisfação me percorre o corpo.

Sinceramente, comprar um livro pela internet é algo que faço em última instância, somente por praticidade e falta de tempo. Para mim, nada substitui o prazer que tenho em folhear, em deleitar-me, em ser atraída por cores, imagens, palavras que juntas me fazem reativar, no pensamento, um estado de interesse. **Tesão!**

Folhear um livro tem algo de misterioso, de descobrimento. Pode motivar ao leitor atento a emoção de uma revelação, a busca de um reconhecimento tátil. **Provocar!** Mesmo o freqüente ato de molhar a ponta dos dedos na ponta da língua sorveria de nossa imaginação associações claras com o comportamento sexual.

Na verdade, antes que o leitor me considere “freudiana” demais no que diz respeito a crer que a energia sexual é a grande motivadora para todos as nossas condutas, devo esclarecer que felizmente o comportamento sexual dos seres humanos é bastante plástico, flexível, e envolve momentos que repetimos cotidianamente em múltiplas ações, sem o caráter da genitalização.

Mas é também possível que muitas leituras nos sejam tão agradáveis a ponto de estimular o nosso prazer afetivo-sexual ao folhear algumas obras e encontrar, nas suas páginas, símbolos que ativem boas lembranças ou sonhos. Sherazade conseguiu manter-se viva, em *As mil e uma noites*,⁴ porque contava histórias interessantes para o Sultão seu marido, deixando para o dia seguinte a promessa do final do enredo, que nunca chegou! As histórias de Sherazade eram repletas de conteúdo sexual, e como muitos outros contos de origem oriental, está recheada de metáforas poéticas para designar os órgãos genitais e o encontro amoroso. No maravilhoso Conto beduíno “O Jardim das Carícias”⁵, o erotismo é devastadoramente emocionante: *“Ah, que maravilhas ele viu! Era sem dúvida a perfeição mais fascinante saída das mãos do Criador! Oh, que esplêndida nudez! Sua nuca branca superava a brancura dos cisnes e o brilho de seus olhos negros faria empalidecer os mais puros diamantes. O juncos invejariam a esbeltez de seu talhe e a noite de inverno a escuridão tenebrosa de seus cabelos. Sua boca semelhante à rosa era o selo-de-Salomão, o glorioso, e seus dentes um duplo colar de pérolas pousado no estojo púrpura de seus lábios. Seu pescoço assemelhava-se às louças da Grécia e sua brancura comparava-se à da neve dos cimos. Seu ventre faustoso tinha cantos e recantos, vales e colinas, e suas ancas eram guarnecidas de suntuosas covas e saliências; suas coxas assemelhavam-se às colunas dos templos dos Infieis, firmes e elásticas, com almofadas guarnecidas de plumas, e, em seu cume, o friso que as reunia acolhia um ninho quente e encantador. Era uma morada cheia de glória, que guardava muitas cavernas e segredos, oferecendo ao olhar árvores e matagais, vales e fontes, onde as gazelas saltadoras gostam de folgar e saciar a sede...”* (p. 119-120).

Muitos livros nos convidam a uma aventura para lá de sedutora!

A escolha de um título é da ordem do prazer, e é ainda na Livraria que nossos sentidos já se colocam em alerta!

Para que compramos livro? De modo geral compramos livros para conhecer. Conhecer assuntos técnicos, gerais, literários, histórias, fatos, compramos livros para presentear, para sonhar.

Excetuando aqueles que os adquirem com certa obrigatoriedade, a escolha que se nos apresenta é feita pela quantidade de satisfação. Se o momento da pessoa é profissional, busca-se títulos que vão incrementar o prazer de executar o ofício, e dele retirar outros prazeres como o reconhecimento pela qualidade de nosso trabalho.

Embalados pela energia de preencher espaços vazios de uma casa, podemos comprar livros de decoração. Em fase de resgate de auto-estima, livros de moda, de comportamento. Definitivamente, entrar em uma *bookstore* sem um título definido a ser procurado é um convite à exploração emocional.

É como se aquele espaço que está vazio pudesse ser preenchido por alguma coisa que se descobre, entre cores, títulos e autores. Sem falar nos

momentos em que o espaço emocional necessita ser organizado e entendido, e pelos estímulos dos livros as emoções fossem cutucadas e sussurrassem seu desejo, sua intenção:

“É isso, um romance!! Velhas e tão atuais cenas imaginárias de amor nas Ilhas Gregas...é disso que estou precisando”.

Além dessa possibilidade de deixar que o livro nos encontre ao invés de irmos atrás dele, também escolhemos livros por suas autorias:

Gosto do Mário Prata, ele me faz rir!! E rir é para mim um prazer sem fim, não imagino minha vida sem o riso. Frequentemente compro livros leves, bem humorados, crônicas para quebrar um certo tédio existencial: viagens de avião, sol da praia, dias de muito cansaço emocional. Nada mais gostoso que rir ao final de um dia de consultório lotado! E rir, além do evidente prazer do ato em si, encerra sempre a possibilidade da transgressão, da rebeldia, do inconformismo... Só os rebeldes riem! Em “O Nome da Rosa”⁶, o velho e ressentido frade bibliotecário consagra sua vida a destruir o segundo volume da Poética de Aristóteles – exatamente o livro em que o sábio grego explicava as tremendas vantagens psíquicas e filosóficas dos que riem, e esclarecia a gênese dos teatros de comédia!

Gostar dos traços literários de alguém é sentir-se íntimo, afinado, junto. **Intimidade!** Rosamund Pilcher me faz sonhar o feminino; Fernando Bonassi o masculino; Jonas Ribeiro o infantil. José Saramago me faz pensar o ser humano no mundo, Freud o mundo no ser humano. É tão interessante a relação que estabelecemos com autores que nem conhecemos pessoalmente, mas somente sua obra literária! Há sempre uma ponta de curiosidade para saber de sua vida, seus amores, seus desejos mais secretos! Dá para torcer para que ele receba um prêmio, que seja indicado, que escreva mais...dá até para sentir ciúmes se ficarmos sabendo que nosso autor preferido andou saindo por aí com uma lambisgóia qualquer... *“Hum... para quem será que ele escreveu este poema?”*

Gostar de alguém é emoção pura! **Paixão!**

Presentear é também um manifesto de amor. Nós damos algo para quem queremos bem. É difícil dar livros de presente porque isso envolve conhecer os gostos. (E gosto é da ordem do prazer, não da razão!).

Mas além de comprar um livro porque se gosta do outro e se conhece seu gosto, muitas vezes nosso prazer é que o outro, através do livro, conheça as nossas preferências! Nós falamos ao outro pela história, suas imagens, suas mensagens. Nós confessamos desejos, entregamos sonhos, nos fazemos conhecer.

E o que dizer, então, do ato de compartilhar o prazer de ler um livro? Há uma clara, quase explícita conotação sexual no ato do namorado apaixonado que dá à sua musa igualmente apaixonada o velho romance que o encantou, o livro de poemas que eventualmente o fez chorar, o volume de

crônicas que lhe serviu de companheiro num momento de solidão ou de melancolia. Há nesse gesto puro e simples, quase atávico, de compartilhar do prazer estético da leitura a mesma carga emocional dos corpos que buscam compartilhar o contato sexual – ou seria exagero? **Entrega!**

Uma vez da posse do livro, os passos subseqüentes tornam-se sinais que indicam o destino da leitura: o prazer de reter mais um título na biblioteca, o prazer da leitura distraída no banheiro, o livro que vai para a cama: “*Hoje vou deitar-me com o Luis Fernando...*”; “*Quem?*” – indaga furioso o namorado!... “*Veríssimo, meu caro, garantia de uma noite divertida, lúdica, como aquela dos namorados que brincam com as penas dos travesseiros depois de umas taças de champagne e uma piada divertida*”.

Levar um livro para a cama é embarcar num prazer que pode ter conotações tão variadas quanto o momento de vida de cada pessoa. O sono, por si só, é um prazer ou deveria sê-lo. Descanso obrigatório de um corpo que trabalha diariamente. Espaço para o abrandamento dos problemas; lacuna para a formação de imagens, sonhos e desejos. A insônia crônica pode provocar, além dos distúrbios de memória e concentração, inclusive alterações de desejo sexual. O local para as horas de desligamento da vigília deve ser, segundo os especialistas, adequadamente aconchegante, sem barulhos ou estímulos fortes que não sejam os que convidem ao relaxamento prévio. A leitura é inclusive estimulada pelos médicos que sugerem o abandono dos textos técnicos e profissionais, reforçando a idéia de que os romances, contos, poemas, biografias e outros tipos de narrativa conduzem a um contentamento que prepara o corpo para o abandono, semelhante ao gozo.

É interessante como cada pessoa leva para a cama o retrato e reflexo de sua personalidade afetiva: há quem compre um livro e o carrega para onde for, sendo este a única leitura de cabeceira até o final. Não permite traições, é fiel podendo inclusive ser simbiótico e dependente! Há quem se permita apenas dormir com Deus, estando a bíblia sempre repousada ao lado do corpo. Outros revelam, nos seus criados-mudos a necessidade de visitar vários mundos, a curiosidade quase infantil de quem abre todas as caixas da mesma vez. Deixam lá os livros marcados na página em que simplesmente o desejo mudou de direção e fez trocar o assunto, a viagem, o autor. E ainda bem que os criados são mudos, quantas histórias repousaram quietas aos seus ouvidos moucos...

Dormir com Marina Colasanti em “*Longe como o Meu querer...*”⁷ é convidar o inconsciente a sonhar os sonhos de amor. Poemas de Cecília Meireles ou Cora Coralina permitem que as imagens se unam em cenas que, mesmo sendo estrofes, parecem músicas. Palavras que misturam, vozes que clamam e que por vezes não escutamos e que encham de angústia nosso dia: “*Eu não me lembro o que ele me dizia naquele sonho...se ao menos pudesse recordar.*”.

Dependendo de nossas vivências afetivas, a escolha da leitura faz com que a emoção que por vezes não nos é entendida ou não é expressa pela

rigidez do ego, floresça na história alheia. “*Eu estava vindo para a sessão, lendo este livro no ônibus e fiquei atônita quando percebi que a história da personagem é igual à minha*”, disse-me uma paciente entusiasmada! Pedi então que ela contasse o enredo e com ele trabalhamos aquela sessão inteira! Fazendo um exercício de expectativas diante da história: “*E como você acha que essa história terminará?*” a minha paciente acabou conseguindo imaginar como sua história ia terminar, sem conscientemente entender a associação. Trabalhamos então como ela estava entendendo a própria história e o final que lhe concedia. Seria possível mudar este final? Era um final que desejava ou que estava “fadado” a acontecer, e assim por diante! Como não conseguia se exprimir e entender sua vida através da comunicação sobre seus conflitos, a história daquele romance permitiu que pudesse se identificar. Mais uma história de encontros e desencontros de amor.

Excetuando os livros técnicos, os romances, os contos e outros, estão sempre recheados de vivências amorosas e sexuais. Os livros que prometem incursões erotizadas são excitante convite ao prazer sexual. Deitar-se com Mário Vargas Llosa, Jorge Amado ou Vinícius de Moraes é realmente retardar o sono para mais adiante, quando a satisfação sexual puder reclamar atuações! **Literatura!** Antigamente, quando a repressão sexual era tamanha, muitas pessoas recorriam às bibliotecas municipais para, através da leitura, recolher suspiros das entrelinhas dos autores que somente conseguiam deixar impressões sobre uma imaginativa cena de prazer sexual. Livros que resistiram a censura, livreiros que escondiam exemplares mais explícitos, contos eróticos escondidos embaixo do colchão. Na ficção científica *Fahrenheit 451*,⁸ Bradbury imaginou uma sociedade tão despótica e controladora que os livros foram simplesmente proibidos! A solução encontrada, engenhosíssima, materializa de vez essa relação simbiótica que se tem com os livros – cada membro da sociedade secreta de resistência incumbia-se de simplesmente decorar um determinado livro, de Hamlet à Bíblia Sagrada, de Whitman a Ralph Emerson...

A relação do livro com o aprendizado da sexualidade na época da repressão era algo de quase romântico! Porque se almejava encontrar o livro, tocar em suas folhas, lambe vagarosamente os dedos para facilitar o escorregadio contato por entre o papel. **Pele!** Os olhos acompanhavam atentamente, espremidos para acertar a visão de quem quase não acredita no que vê! Algo de misterioso, desfocado, esfumaçado, etéreo, como nos dias em que, tomados pelo prazer, imaginamos que o reflexo do prazer corporal nos retira a exatidão das imagens, do tempo, do espaço. Olhos que iniciam caminhos lentamente e que, na medida que avançam as palavras, acabam freneticamente engolindo frases para alcançar o ato que se espera na fantasia de quem lê... impossível desligar a luz do abajur antes que juntos, personagem e leitor não gozem e dêem seu suspiro final...

O livro é certamente um refúgio de prazer, recomendado por todos: para evitar um comportamento repetitivo, compulsivo e que provoca sofrimento.

mento, mude: tenha um passatempo, cuide de plantas, faça esporte, **leia um bom livro**. Os terapeutas sexuais inclusive, indicam leituras eróticas durante o tratamento das disfunções sexuais de seus clientes! Com os livros aprendemos novas possibilidades, imaginamos caminhos, descobrimos emoções, temos insights!

Muitos livros lidos durante a vida revelam minúcias de nossa vida íntima. Também, é imprimindo características nas páginas das obras que fazemos história: Flores secas recolhidas de um jardim em uma tarde de amor; a foto do antigo namorado; um poema rabiscado no guardanapo de lanchonete e que encontra, nas páginas daquele romance, detalhes tão semelhantes... Há quem guarde dinheiro, quem rabisque frases, quem dobre páginas, esconda emoções. Os livros são íntimos, são testemunhas. No entanto, ao mesmo tempo que são cúmplices de memórias e segredos, confessam frases inteiras, repletas de anseios. Sim, trocamos segredos com nossos livros preferidos e com nossos autores de estimação... eles nos entendem, quase tanto como nós a eles. A relação com o livro e suas histórias provocam sentimentos interessantes. Há quem tenha tamanha posse pelos seus títulos que não empresta, não doa, não abre mão! Guarda-os com tamanho domínio e não permite compartilhar seu prazer.

As marcas da relação entre leitor e livro são tão fortes que é difícil adquirir um volume em um Sebo e não imaginar a quem ele pertenceu e porque foi ali abandonado. Teria falecido o dono, viajado, mudado de País? Estaria apenas reciclando a biblioteca ou rejeitando mesmo aquele livro por desinteresse e falta de compatibilidade? A dedicatória do autor provoca devaneios. Seria aquele *Com Amor* a reprodução cansada, mas generosa, de uma tarde de autógrafos, ou revelaria um fragmento de um vínculo amoroso entre o autor e aquele leitor? **Cumplicidade!**

Há quem refira que muitos escritores e poetas tiveram vida afetiva pouco rica, perfilada pelos devaneios do que *poderia ser*. Inventando personagens que gostariam de ser e ter, criam histórias que na realidade não viveram. O prazer fica retido na imagem das palavras e na fluidez do texto. Da mesma forma, o ávido leitor que torna a leitura sua única expressão de prazer, guarda entre as páginas a possibilidade de ser feliz no encontro com o outro. A leitura não pode ser única fonte de prazer, assim como a escrita, a pintura, o trabalho, a comida, o esporte, etc. O ser humano tem de encontrar, no contato com o mundo, satisfações variadas e explorar a sexualidade em suas várias dimensões!

Quem escreve com prazer, lê com tesão. E é mesmo somente o tesão verídico, real, investido em outro objeto de amor que pode roubar, do ato de ler, a atenção aos personagens e fazer surgir, dos trechos percorridos, a emoção da história vivida. Dá para entender porquê nossos adolescentes, enamorados, por vezes abandonam o estudo pelas paixões, divagam com o livro aberto por sobre a cama e rapidamente confundem uma equação de álgebra com uma nova fórmula de amor?

Na colcha que cobre a cama, há muitos retalhos. Aqui escrevi pedaços de cambráia, de linho, de algodão, de seda! Revivi meus poemas, romances, contos, minhas histórias. E esse capítulo também teve uma significação singular: escrevi com entusiasmo para o leitor e com amor fraternal para o Jonas, meu querido amigo que generosamente (e corajosamente!) convidou-me a desenvolver instigante tema. Quando escrevemos, imprimimos um certo tesão em cada palavra, e por vezes pensando mesmo em um amor: recente, antigo, fraterno, ideológico... Com estes amores dividimos nossa vida, que é também literária em todos os sentidos, e com alguns compartilhamos lençóis...

...Amor

Referências Bibliográficas:

1. RIBEIRO, J. *Colcha de Leituras...unindo amores. alinhavando leitores*. São Paulo: Editora Elementar, 2002.
2. PRAZERES, V. *As nossas pequenas superfícies*. Lisboa: Quatro Margens Editora, 1998.
3. ESPANCA, F. *Se tu viesses ver-me. Poesia e outras reflexões – língua portuguesa@yahoogroups.com*.
4. TAHAN, M. *As mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
5. SAHLI, R. B. *O jardim das Carícias*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
6. ECO, U. *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.
7. COLASANTI, M. *Longe como o meu querer*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
8. BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1953.